

Espelhos quebrados: dor, sofrimento, vida e morte na linguagem suicida¹

Patrick Alif Fertrin BATISTA²
Victor Hugo Sanches PEREIRA³
Katarini Giroldo MIGUEL⁴

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO

O presente trabalho visa evidenciar o tema suicídio por uma faceta até o momento pouco explorada por meio dos veículos de comunicação. Trata-se de um livro-reportagem, nos moldes metodológicos propostos por Edvaldo Pereira Lima, tendo como objetivo aprofundar o tema no seu aspecto comunicativo, interpretando o ato como uma linguagem. O trabalho apresenta narrativas constituídas por relatos de vítimas e profissionais das diferentes esferas sociais, por meio de textos e fotos. A intenção é ressaltar os dramas e sofrimentos dos indivíduos que passam por esse momento em algum período de suas vidas. O trabalho é desenvolvido de acordo com os gêneros jornalísticos narrativos e descritivos, propostos por Osvaldo Coimbra para assim humanizar a proposta e representá-la sob a ótica de uma nova perspectiva social.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; livro-reportagem; Campo Grande; suicídio; linguagem.

1 - INTRODUÇÃO

O presente artigo discute a temática do suicídio no âmbito jornalístico, que deu origem a produção do livro-reportagem “Espelhos quebrados: dor, sofrimento, vida e morte na linguagem suicida”, desenvolvido como projeto experimental do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

O tema central da obra é a comunicação subjetiva que está intrinsecamente relacionada ao ato do suicídio. Para Durkheim (2000), o suicídio deve ser visto como uma ação individual sob influência social que não permitiu ao indivíduo a adaptação a um determinado contexto de coletividade. Para o autor, “o suicídio é uma denúncia individual de uma crise coletiva”.

O que possibilita que a mensagem do suicidado seja conhecida socialmente é o signo suicídio que, transmitido pelos canais diversos (pessoas, fontes, documentos, fotografias, noticiários, etc), ressocializa o suicidado em um mundo que o mesmo não conseguia manter

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

² Estudante de Graduação 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFMS, email: patrickalif@hotmail.com.

³ Estudante de Graduação 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFMS, email: victoerhugosanches9@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFMS, email: katarini.miguel@ufms.br

relações coletivas antes do seu autoextermínio. De acordo com Silva (1992, p. 87) “o suicídio é o signo que substitui o vazio existencial, quer porque há a perda do outro quer porque já não se tem força para agir em um mundo onde não há quem ou o que pelos quais se deva lutar. Há ruptura do vínculo físico e do vínculo simbólico.”.

Para Silva (1992, p. 39) “um signo é uma ligação simbólica estabelecida por convenção e uso habitual entre um objeto do mundo externo e uma imagem mental, a imagem-sentido”.

A importância de tal trabalho situa-se no fato de demonstrar que o autoextermínio, segundo Silva (1992, p. 16) “[...] deve ser visto mais como um ato de comunicação do que como um gesto solitário e que, além de tudo, é uma comunicação para uma sociedade que o impediu de comunicar-se de outras formas que não fosse através deste gesto”.

De acordo com o autor (1992, p. 86), os conflitos internos que as pessoas sofrem durante um processo de sofrimento mental, muitas vezes são exteriorizados por meio do ato suicida. “As emoções tornam-se insuportáveis precisando matar o corpo para matar os sentimentos que o penalizam; sentimentos resultantes do relacionamento do sujeito com outras pessoas do seu grupo social”.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), uma pessoa se suicida a cada 40 segundos no mundo e o Brasil registra em média duas tentativas de suicídio a cada 45 minutos. Segundo o Mapa da Violência de 2014, Mato Grosso do Sul é o terceiro estado brasileiro com maior índice de autoextermínio a cada 100 mil habitantes. Considerando as mesmas proporções, Campo Grande ocupa a sétima posição entre as capitais.

Segundo a obra clássica de Émile Durkheim⁵ (2000) denominada “O suicídio”, a população deve estar atenta ao indivíduo com uma possível ideação suicida, pois os movimentos que o paciente realiza e que, a primeira vista, parecem exprimir apenas seu temperamento pessoal são na verdade a consequência e o prolongamento de um estado social que eles manifestam exteriormente.

2 - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

De todo o conteúdo pesquisado para o desenvolvimento de nosso trabalho, merecem destaque os livros “O suicídio”, de Émile Durkheim; “Páginas Ampliadas”, de Edvaldo Pereira Lima; “O texto da reportagem impressa”, de Osvaldo Coimbra; “Holocausto

⁵ O Suicídio é uma obra produzida pelo sociólogo francês Émile Durkheim e teve sua primeira edição publicada no ano de 1897.

brasileiro”, de Daniela Arbex; além da dissertação de mestrado de Marcimedes Martins da Silva, denominada “Suicídio – a trama da comunicação”.

Para a melhor compreensão do livro-reportagem, foram utilizadas as obras de Edvaldo Pereira Lima e de Osvaldo Coimbra, que orientam nosso trabalho nas metodologias propostas relacionadas ao tipo de produto e aos gêneros desenvolvidos. A obra de Émile Durkheim é responsável por possibilitar um panorama sistêmico por meio de pesquisas científicas, mostrando que o tema, além de ser presente em tempos atuais, apresenta as mesmas características relacionadas a sintomas de uma pessoa que possui ideia suicida.

A dissertação de mestrado de Marcimedes Martins da Silva é responsável por evidenciar em pesquisas outra faceta e outra perspectiva pouco explorada sobre o tema, evidenciando a dor e o sofrimento presentes nos últimos registros das vítimas. A obra de Daniela Arbex foi utilizada como modelo para o desenvolvimento do exercício redacional do conteúdo apurado.

Tais obras embasaram nossa pesquisa, permitindo-nos uma introdução mais aprofundada sobre o tema, além de proporcionar maior propriedade para desenvolver os aspectos teóricos e práticos.

3 - SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS

3.1 - Suicídio: um ato de comunicação

A comunicação suicida pode ser manifestada por meio de vários discursos ou comportamentos com características próprias. Entretanto, o reflexo da informação possui um sentido e valor pessoal, que pode variar de pessoa para pessoa, se tratando de ideologias ou culturas de coletividade que cerca o protagonista do ato.

Tanto o suicídio quanto as palavras deixadas pelos suicidados, se resgatados dentro de um processo de comunicação, podem e devem influenciar os vivos em suas ações futuras, transformando um comportamento social e político marginalizado em um comportamento político capaz de influenciar a realidade. Tudo isto só é possível porque o suicídio é pura comunicação e, conseqüentemente, recupera a imagem do homem ativo, dono da própria vida (SILVA, 1992, p. 115).

Na sociedade, é comum nos depararmos com pessoas que definem o suicídio como um ato de loucura, sendo este fator uma barreira para a comunicação do suicidando com os demais. Paulo Coelho (1996, p. 42), na obra *Verônica decide morrer*, inverte esta opinião e

interpreta por meio do raciocínio da protagonista da história que “[...] a loucura é a incapacidade de comunicar suas ideias. Como se você estivesse em um país estrangeiro – vendo tudo, entendendo o que se passa a sua volta, mas incapaz de se explicar e de ser ajudada, porque não entende a língua que falam ali”.

De todas as opiniões religiosas que foram pesquisadas e contribuíram com o desenvolvimento do nosso produto, a que permitiu maior aprofundamento e evidenciou a comunicação proveniente ao ato estudado é a doutrina espírita. As crenças em torno do suicídio, um dos aspectos de estudo desta doutrina, evidencia a existência posterior a morte e permite a reflexão do ato comunicativo presente no plano espiritual.

A prática do ato é caracterizada principalmente pelo sofrimento interpretado como uma pena a ser cumprida. A doutrina espírita acredita que as decisões em vida física refletem também na vida espiritual, sendo o suicídio um ato que tem consequências negativas, prolongando o sofrimento do indivíduo. Ivone do Amaral Pereira, médium autora da obra *Memórias de um suicida* (2008), descreve os sentimentos e o ambiente em que se encontra o espírito de Camilo Cândido Botelho como “[...] a dor que nada consola, a desgraça que nenhum favor ameniza, a tragédia que ideia alguma tranquilizadora vem orvalhar de esperança! Não há céu, não há luz, não há sol, não há perfume, não há tréguas!”.

Para a produção deste trabalho em seu aspecto religioso, nossa pesquisa se limitou somente à religião Católica Apostólica Romana, à Igreja Batista e à Doutrina Espírita, pelo fato de os personagens entrevistados apresentarem ou terem apresentado algum tipo de vínculo com esses perfis religiosos. O recorte nesta categoria do produto foi necessário em função da manifestação espontânea dos personagens sobre o tema durante as entrevistas. Nenhum entrevistado estabeleceu relações com doutrinas não cristãs. Além disso, conceder espaço a essas outras religiões poderia comprometer o foco do nosso trabalho (suicídio como um ato de comunicação).

3.2 – Livro-reportagem

A intenção de desenvolvermos um livro-reportagem sobre o assunto foi trabalhar de forma mais humanizada os gêneros narrativos e descritivos, valorizando os depoimentos e passagens de cada personagem. Esse produto apresenta-se como uma forma jornalística de fugir das práticas cotidianas. Lima (2008, p. 30) explica que “o livro-reportagem tem quase

sempre carácter monográfico e deve ser compreendido sob uma ótica de maior elasticidade do que o que se aplica às publicações periódicas”.

Para Rocha e Xavier (2013), a humanização tem a intenção de “aproximar dados e informações do leitor, fazendo o movimento de deslocamento de algo universal para o âmbito particular ou pessoal, ou do abstrato para o concreto”. Desta forma, os personagens podem receber tratamento isonômico não hierárquico.

Portanto, o livro-reportagem com a atual proposta tem o objetivo de humanizar o tema pelo fato de existir uma interpretação problemática em praticamente toda a esfera social em torno do suicídio, sustentada por paradigmas e preconceitos. Afinal, tabus podem, sem dúvida nenhuma, se modificar, conforme se modificam as circunstâncias objetivas da vida em sociedade. Entretanto, essas mudanças são geralmente realizadas de forma gradual e podem levar muitas gerações para adentrar na opinião e ideologia de determinada população. Portanto, é compreensível que a negligência e a desinformação das mídias locais reflitam no mal-estar da nossa população diante do suicídio.

Torna-se também referência essencial para o trabalho a classificação de gêneros textuais na produção jornalística, propostos por Coimbra (1993). O autor trabalha em sua obra as tipologias narrativas, descritivas e dissertativas, tendo como objetivo a valorização das histórias dos personagens explorando a riqueza dos casos referentes ao tema proposto.

No livro *O texto da reportagem impressa*, Coimbra define a narrativa como característica que proporciona ao leitor uma experiência aprofundada ao conteúdo com uma ótica em primeira pessoa, em um determinado contexto temporal.

[...] A característica fundamental é a de conter os fatos organizados dentro de uma relação de anterioridade ou de posterioridade, mostrando mudanças progressivas de estado nas pessoas ou nas coisas. O vazio narrativo pode ser percebido em trechos que o autor foge do tema principal da história, ou em momentos em que ele deixa de seguir a linearidade do assunto principal e passa a tratar ou descrever algo momentâneo (COIMBRA, 1993, p. 44).

Ainda segundo Coimbra (1993, p. 17), o fenômeno narrativo prolonga o instante anterior, trazendo para o leitor uma nova realidade que faz referência a fatos ou momentos passados. O autor explica que “a narrativa é um universo simbólico com características e funções que merecem um estudo à parte. E tanto faz que se trate de uma narrativa inteiramente ficcional ou de uma narrativa jornalística”.

Coimbra classifica quatro tipos de focos narrativos que podem ser utilizados, que são o narrador-testemunha, o narrador protagonista, o narrador dramático e o narrador

onisciente. Aparece com mais ênfase no nosso livro o primeiro deles. Para o autor (1993, p. 46), o narrador-testemunha é a situação em que ele pode ser personagem ou apenas uma testemunha dos fatos, como neste exemplo da própria obra “Espelhos Quebrados: dor, sofrimento, vida e morte na linguagem suicida”.

Percebo que na casa acontecia uma faxina acompanhada de uma música bem alta, talvez fosse essa a melhor opção para motivar este tipo de atividade em plena sexta-feira. Durante os minutos de espera, observo uma figura feminina, até então desconhecida, limpando um tapete na garagem. Entretanto, a minha presença ali não era notada (BATISTA; PEREIRA, 2015, p. 15).

O gênero descritivo é secundário neste trabalho, mas vale considerar a sua contribuição como instrumento para que os jornalistas detalhassem situações envolvendo o cenário e a ambientação presente. De acordo com Coimbra (1993, p. 20), “se o que está fora do contexto verbal escrito é transportável para dentro dele, podemos usar conceitos criados para classificar elementos da comunicação face a face como elementos da estruturação do texto descritivo da pessoa”.

Os três gêneros sugeridos por Coimbra podem estar em um mesmo conteúdo de reportagem de forma híbrida, mas tratando-se de livro reportagem, o trecho narrativo deve se sobressair. Nesse tipo de produto, é necessária uma valorização da narração para atrair o leitor e gerar fluidez na leitura.

O presente produto é característico de pesquisa investigativa, com trechos dissertativos que estão paralelos às narrativas, a fim de retratar uma realidade cruel que o senso comum não está acostumado a interpretar.

O livro da jornalista Daniela Arbex, *Holocausto brasileiro* (2013), foi base de leitura e também modelo para o trabalho. Nesta obra, além da pesquisa, a autora faz a observação direta do local e traz depoimentos dos sobreviventes que foram diagnosticados como doentes mentais, homossexuais, mães solteiras, mendigos, negros, solteiros, pobres, pessoas sem documentos e todos os tipos denominados indesejados pela sociedade. Em um primeiro trecho a ser destacado, localizado no prefácio do livro, Arbex (2013, p. 5) afirma que as pessoas dentro do manicômio de Barbacena “morriam de tudo e também de invisibilidade”. No capítulo seguinte, a escritora Arbex (2013, p. 6) relata que “a dor só vira palavra escrita depois de respirar dentro de cada um como pesadelo”.

Portanto, uma das intenções deste livro é estimular uma conscientização maior por parte do assunto e promover uma cultura de prevenção ao suicídio, visto que o tema tem

pouco espaço na pauta jornalística e quando é abordado, não apresenta cunho preventivo na maioria dos casos.

3.3 - O efeito Werther nas torres do estádio Moreirão

Entre os meses de setembro e outubro de 2014, no estádio Pedro Pedrossian, popularmente conhecido como Moreirão, houve três casos de tentativas de suicídio, todos nas torres de iluminação. Tais fatos trouxeram a tona uma das primeiras associações conhecidas entre os meios de comunicação de massa e o suicídio: o efeito *Werther*. O livro de Johann Wolfgang von Goethe, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, publicado em 1774 gerou uma onda de suicídios na Europa, pois, o protagonista da história se dá um tiro na cabeça após um amor mal sucedido. Após a publicação da obra, uma onda de suicídios começou a se disseminar no continente europeu e houve inúmeros relatos de jovens que cometeram o suicídio usando o mesmo método. Isso resultou na proibição do livro em diversos lugares. Este fenômeno originou o termo *Efeito Werther*, usado na literatura técnica para designar a imitação de suicídios.

Sob esta justificativa, alguns veículos da comunicação procuram não publicar casos de suicídios. Entretanto, Dapieve (2006, p. 53) afirma que “a imprensa pode elevar, ou ao menos acelerar, a taxa social de suicídios numa determinada comunidade, contribuindo para o clima geral de anomia. Mesmo neles, porém, ela não criaria suicidas: excitaria indivíduos por suas próprias razões já propensos a se matar”. Ou seja, a imitação, por si só, não é suficiente para influenciar um indivíduo sadio mentalmente a praticar o autoextermínio.

Em todo o período de análise desta pesquisa, o portal *Campo Grande News* publicou seis notícias envolvendo os três casos de tentativas de suicídio no Moreirão. Havia fotos das pessoas em cima das torres em três notícias, o que caracteriza uma grave infração das normas do Manual de Prevenção para a Mídia, da Organização Mundial de Saúde (OMS), conforme segue o link nos anexos deste relatório.

A cobertura sensacionalista de um suicídio deve ser assiduamente evitada, particularmente quando uma celebridade está envolvida. A cobertura deve ser minimizada até onde seja possível. [...] [...] Todos os esforços devem ser feitos para evitar exageros. Deve-se evitar fotografias do falecido, da cena do suicídio e do método utilizado. Manchetes de primeira página nunca são o local ideal para uma chamada de reportagem sobre suicídio (OMS, 2000, p. 7).

Os três casos felizmente não acabaram em resultados fatais, o que comprova que a maioria das pessoas que consideram a possibilidade de cometer o suicídio, são

ambivalentes, ou seja, não estão certas se querem realmente chegarem a situação do óbito. De acordo com especialistas que nós entrevistamos, os suicidandos (pessoas com forte tendência ao suicídio), vivem um constante conflito entre o que Sigmund Freud⁶ chama de *Eros* (vida) e *Thanatos* (morte). Com os constantes casos de suicídio, aliado ao descaso da imprensa, a linha entre a vida e a morte torna-se cada vez mais tênue. No entanto, a OMS (2000, p. 3) adverte que “um dos muitos fatores que podem levar um indivíduo vulnerável a efetivamente tirar sua vida pode ser a publicidade sobre os suicídios”.

No dia 10 de Novembro de 2014, a primeira pessoa que tentou suicídio no estádio se atirou da torre de um supermercado e veio a óbito. Para ilustrar o caso, os registros da tentativa de suicídio anterior deste indivíduo no *Moreirão* foram redivulgadas com as fotografias da mesma em cima da torre. Porém, o Manual de Prevenção ao Suicídio destinado aos profissionais da mídia, da Organização Mundial de Saúde (OMS), adverte o jornalista nestas situações a:

- Não publicar fotografias do falecido ou cartas suicidas.
- Não informar detalhes específicos do método utilizado.
- Não fornecer explicações simplistas.
- Não glorificar o suicídio ou fazer sensacionalismo sobre o caso.
- Não usar estereótipos religiosos ou culturais.
- Não atribuir culpas (OMS, 2000, p. 9).

Para essas situações a OMS sugere ações básicas. Trata-se de procedimentos que envolvem decisões por parte do profissional, para que o conteúdo produzido não resulte em impactos negativos na sociedade. Nesses casos, o profissional deve:

- Trabalhar em conjunto com autoridades de saúde na apresentação dos fatos.
- Referir-se ao suicídio como suicídio “consumado”, não como suicídio “bem sucedido”.
- Apresentar somente dados relevantes, em páginas internas de veículos impressos.
- Destacar as alternativas ao suicídio.
- Fornecer informações sobre números de telefones e endereços de grupos de apoio e serviços onde se possa obter ajuda.
- Mostrar indicadores de risco e sinais de alerta sobre comportamento suicida (OMS, 2000, p. 9).

Não há dúvidas de que casos que são noticiados com ênfase acentuada pela imprensa possam influenciar alguns imitadores que apresentam ideação suicida. Portanto, a mídia

⁶ Na teoria “Pulsão da Morte” Sigmund Freud descreveu duas pulsões antagônicas: Eros, uma pulsão sexual com tendência à preservação da vida, e a pulsão de morte (Thanato) que levaria à segregação de tudo o que é vivo, à destruição.

deveria renunciar a algumas práticas em relação a este tipo de fato, tais como a divulgação de fotografias e a inserção de casos de suicídio nas capas dos jornais. Seria ideal que essas informações divulgadas pela imprensa omitissem detalhes mórbidos e servissem como utilidade pública, prestando esclarecimentos sistêmicos acerca desta problemática.

3.4 - Defasagem nas coberturas locais de suicídios

Durante a pesquisa deste trabalho, publicamos dois artigos em eventos científicos de comunicação, analisando os portais noticiosos *Campo Grande News* e *Midiamax* no período de janeiro de 2014 a junho de 2015, avaliando como a imprensa campo-grandense se comporta em ocorrências de suicídios e visando oferecer possibilidades e sugestões para que os jornalistas trabalhem as publicações relacionadas ao tema com precisão e cautela.

Na análise dos dados, verificamos a quantidade de notícias sobre o tema suicídio na cidade de Campo Grande, veiculado pelos dois principais websites locais: *Campo Grande News* e *Midiamax*. No geral, observamos uma presença maior do *Campo Grande News* nas divulgações relacionadas a este tipo de tema, com 105 publicações durante todo o período, em detrimento do *Midiamax*, que totalizou 77 publicações.

No mês de fevereiro de 2014, o portal *Campo Grande News* não divulgou nenhum conteúdo sobre o suicídio. O *Midiamax*, por sua vez, não publicou notícias sobre o tema em Dezembro de 2014 e em março de 2015, além de publicar somente uma notícia para os meses de outubro de 2014, novembro de 2014 e junho de 2015. Na tabela 1, estão discriminados estes dados.

Tabela 1 – Quantidade de publicações sobre suicídio relacionadas ao município de Campo Grande/MS de janeiro de 2014 a junho de 2015.

Campo Grande / MS	Campo Grande News	Midiamax
Janeiro / 2014	11	11
Fevereiro / 2014	0	3
Março / 2014	3	2
Abril / 2014	3	7
Maio / 2014	7	6
Junho / 2014	7	6
Julho / 2014	14	11
Agosto / 2014	8	9
Setembro / 2014	12	10
Outubro / 2014	2	1
Novembro / 2014	4	1
Dezembro / 2014	4	0
Janeiro / 2015	3	1
Fevereiro / 2015	3	2
Março / 2015	5	0
Abril / 2015	11	4
Maio / 2015	4	2
Junho / 2015	4	1
Total	105	77

A taxa de ocorrências com divulgação midiática em relação a suicídios revela a negligência dos websites acima citados neste assunto. O próprio *Campo Grande News* nos auxiliou na constatação de tal fato. No dia 16 de setembro de 2014, a OMS (Organização Mundial de Saúde) publicou um ranking dos índices de suicídios nas cidades brasileiras. O *Campo Grande News* publicou então uma notícia, tendo como parâmetro os números do Estado e do município acerca do tema. No *lead* da matéria, o redator Dias (2014) traz o seguinte trecho: “Desde o início do ano, 35 pessoas cometeram suicídio em Campo Grande e tantos outros casos seguem em investigação ou não entraram nas estatísticas”.

Tal afirmação traz grande impacto pelo fato de que durante todo o ano de 2014, foram noticiadas apenas 22 ocorrências de suicídios pelo *Campo Grande News*. O *Midiamax*

noticiou 23 ocorrências. Estes dados demonstram como o suicídio é pouco trabalhado nas pautas da imprensa local.

Essa postura excessivamente cautelosa da mídia desmobiliza um aparato que a sociedade só teria condições de acionar se devidamente informada e conscientizada a respeito do problema do suicídio no País. O silêncio em torno do assunto alimenta a passividade, quando o momento deveria ser de ação. E toda ação na área de saúde pública, como já vimos, alcança os melhores resultados com o apoio da mídia (MÍDIA, 2011, p. 4).

Em contrapartida, notamos uma evolução nas estratégias de divulgação de suicídios do *Campo Grande News*. De janeiro a junho de 2015, o *Campo Grande News* trabalhou na divulgação de 14 ocorrências, enquanto que durante todo o ano de 2014 foram divulgadas apenas 22 ocorrências.

Por sua vez, o *Midiamax* que divulgou 23 ocorrências em 2014, nos primeiros seis meses de 2015 publicou conteúdos jornalísticos relacionados à apenas 6 casos de suicídios ou tentativas.

Na tabela 2, foram analisadas a quantidade de ocorrências que os dois portais trabalharam durante todo o corpus de análise. Observamos que no período de 18 meses, o *Midiamax* não publicou nenhum artigo ou coluna relacionada ao tema. Neste período, o portal se limitou a publicações do gênero notícia.

Tabela 2 - Análise das publicações relacionadas a suicídios em Campo Grande/MS de janeiro de 2014 a junho de 2015.

Campo Grande / MS	Campo Grande News	Midiamax
Publicações relacionadas a suicídio (notícias, artigos, colunas ou notas)	105	77
Quantidade de ocorrências trabalhadas pelos portais	36	31
Quantidade de notícias referentes às ocorrências de suicídio ou tentativas produzidas pelos portais	67	52
Artigos ou colunas sobre o tema	16	0
Demais notícias relacionadas ao tema suicídio	22	25

O *Campo Grande News*, durante todo o ano de 2014, publicou 10 artigos e/ou colunas em relação ao suicídio, compondo uma média de quase um artigo por mês. Até junho de 2015, publicou 6 artigos e/ou colunas, com destaque para o artigo “Quem pode falar sobre os 4 suicídios na cidade? Só quem tem conta no *facebook*?”. A publicação teve grande repercussão, tendo um alcance de mais de 260.000 pessoas no *facebook* e 11.000 compartilhamentos diretos do conteúdo.

Ao trabalhar na divulgação de ocorrências de suicídios, a imprensa poderia, por exemplo, contribuir publicando sugestões para as pessoas se relacionarem com indivíduos com tendências suicidas, estratégias para a superação do luto e a publicação de soluções para a constatação de indivíduos que possuem ideação suicida nas diferentes esferas sociais. É importante informar as pessoas, que o suicídio, na maioria das vezes, é uma denúncia individual de uma crise coletiva e, esta crise, está muitas vezes relacionada a omissão. De acordo com Marcimedes Martins Silva (1992, p. 118), “a negação do assunto revela a ausência de compromisso social. Situá-lo no contexto da comunicação e desvelar o trama que o envolve implica em despertar o debate para tentar garantir a viva voz de quem teria que sufocá-la para ser ouvido”.

Outra maneira de contribuir no combate ao suicídio é indicar órgãos que podem ajudar pessoas a superarem esta situação. No Brasil, o mais conhecido deles é o Centro de Valorização da Vida (CVV). Porém, a sede desta instituição em Campo Grande está com endereço e telefone desatualizados. No período de análise de 18 meses dos jornais *Campo Grande News* e *Midiamax* foi encontrada apenas uma notícia sobre a CVV, publicada no dia 5 de maio de 2014, tratando do papel que desempenha a instituição.

4 – CONCLUSÕES

A metáfora escolhida para o título do livro “Espelhos Quebrados” ilustra o drama individual como consequência do ato. O espelho faz referência aos dramas individuais de cada um dos personagens. A característica do “quebrado” está relacionada diretamente ao ato do suicídio, quando o indivíduo decide acabar com sua própria vida.

O livro foi estruturado em cinco capítulos, explorando categorias referentes ao perfil das fontes entrevistadas, com as seguintes denominações: *Capítulo I - Por trás dos atos: sentimentos e comportamentos*; *Capítulo II – Dramas incompreendidos*; *Capítulo III – Anjos de Prevenção*; *Capítulo IV – Além do ato: perdão ou sofrimento?*; *Capítulo V - Fuga do labirinto*.

O nosso produto não apresenta uma construção cronológica, mas sim uma divisão que faz relação às realidades vividas em cada situação apurada.

O primeiro capítulo denominado “Por trás dos atos: sentimentos e comportamentos” envolve duas histórias. Trata-se das mudanças de comportamento das vítimas de suicídio a partir dos relatos dos familiares. Este capítulo é dividido em duas partes e narra primeiramente o perfil e as características dos personagens e em seguida os motivos que levaram essas pessoas a desenvolverem um quadro de ideação suicida pela perspectiva dos familiares.

No segundo capítulo, denominado “Dramas incompreendidos”, trabalhamos com relatos de vítimas que viveram dramas relacionados ao suicídio. A intenção não foi evidenciar propriamente o ato, mas todo o contexto e influências externas e sociais que estimularam os suicídios ou tentativas de cada uma das fontes ou familiares. São narrados os sinais subjetivos demonstrados por esses indivíduos, que não tiveram seus problemas emocionais notados pela sociedade e interpretados com preconceitos e paradigmas.

O terceiro capítulo, denominado “Anjos da Prevenção”, é destinado à manifestação das diversas opiniões sobre o tema. O perfil das fontes para o capítulo é bem diversificado e envolve profissionais da saúde, da segurança, das universidades e voluntários de associações e instituições que realizam o trabalho de prevenção ao suicídio. Além dos respectivos pontos de vistas, são também evidenciadas no livro histórias vivenciadas por essas pessoas ao longo dos anos de experiência com o tema.

Durante o quarto capítulo, denominado “Além do ato: perdão ou sofrimento?” foi feita uma correlação dos casos de suicídios ou tentativas com as crenças e filosofias de vida de cada personagem, buscando explicações com fontes do âmbito religioso e também pessoas que pesquisam esse fenômeno no âmbito científico. Além disso, foi relatado o drama do luto por suicídio que familiares e amigos enfrentam. O objetivo foi aprofundar esse sentimento como algo incompreendido frente ao ato.

No quinto capítulo, denominado “Fuga do Labirinto”, o objetivo foi evidenciar as alternativas encontradas para superação dessas situações e também sugerir possíveis ações que acontecem em Campo Grande para o auxílio e amparo de pessoas que enfrentam o mesmo drama. Alguns exemplos trazidos são referentes a ações religiosas (Igreja Perpétuo Socorro e Gaepe) e ações em grupos voluntários (GAV, Projeto Labirinto e Caps). Esse capítulo também mostra o temor da imprensa acerca da divulgação do tema suicídio na pauta jornalística, desmistificando o assunto como tabu, ressaltando que a omissão, na

maioria das vezes, é a pior escolha. O desfecho do livro traz ainda um arremate dos casos, com impressões dos autores sobre a atual situação das ações e mobilizações em prol da prevenção ao suicídio.

Optamos por usar, como foco narrativo do livro, a 1ª pessoa no singular para não confundir o leitor. Seria inviável utilizar a 1ª pessoa do plural, visto que ambos os acadêmicos responsáveis pela produção deste produto, participaram juntos de todas as entrevistas e situações de apuração. Portanto, existe um certo consenso em relação aos relatos, mas é evidente que os dois repórteres expressam neste produto algumas experiências e impressões individuais sobre as mesmas situações. De acordo com as classificações de gênero propostas por Osvaldo Coimbra, esta obra apresenta majoritariamente a tipologia narrativa.

A nossa base de abordagem às fontes durante o período de entrevistas foi norteadada pelo conhecimento adquirido na disciplina de *Legislação e Ética em Jornalismo*⁷ e com base no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Por se tratar de um tema delicado, ao entrevistarmos parentes de suicidas e pessoas envolvidas com o tema, tivemos os cuidados de ouvir e respeitar as emoções dos fortes relatos que duravam em média uma hora de entrevista.

Com base nas nossas pesquisas, podemos afirmar que existe uma necessidade e urgência para se discutir sobre o tema suicídio. A defasagem na produção de conteúdos por parte da imprensa com a intenção da prevenção é escassa. Com base nisso, o senso comum apresenta uma opinião preconceituosa sobre o assunto e, em alguns casos, contribui também agravando os índices.

Coincidentemente, durante o ano de 2015 no município de Campo Grande, o tema suicídio ganhou força nas pautas das redações dos principais veículos midiáticos locais. Sendo assim, é necessária uma atenção maior das autoridades e da sociedade para um problema de saúde pública que mata em média uma pessoa a cada 40 segundos no mundo, totalizando mais de 800 mil mortes por suicídio a nível mundial, de acordo com Organização Mundial de Saúde (OMS).

Mesmo o suicídio sendo considerado um problema de saúde pública nacionalmente e internacionalmente, ainda assim ficou evidente que o tema é considerado tabu. A falta de informação e o preconceito são presentes em todas as esferas sociais, inclusive na opinião de alguns entrevistados que selecionamos para o nosso trabalho.

⁷ Disciplina ofertada pelo curso de *Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo* da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

5 - REFERÊNCIAS

ARBEX, D. *Holocausto brasileiro: vida, genocídio e 60 mil mortes no maior hospício do Brasil*. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

COELHO, P. *Verônica decide morrer*. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.

COIMBRA, O. *O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura*. São Paulo: Ática, 1993.

DAPIEVE, A. H. M. *Suicídio por contágio – A maneira pela qual a imprensa trata a morte voluntária*. 2006. 172 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

DIAS, A. M. *Tabu na sociedade: suicídio foi cometido por 35 pessoas em 7 meses*. *Campo Grande News*, Campo Grande, MS, 16 set. 2014. Cidades, Capital. Disponível em: <<http://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/tabu-na-sociedade-suicidio-foi-cometido-por-35-pessoas-em-7-meses>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

DURKHEIM, E. *O suicídio: estudo da sociologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LIMA, E. P. *Páginas ampliadas*. 4. ed. São Paulo: Manole, 2008.

MÍDIA e suicídio. Mundo sustentável. abr. 2011. Disponível em: <<http://www.mundosustentavel.com.br/wp-content/uploads/2011/04/lixo2.pdf>> Acesso em: 19 abr. 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia*. Genebra: Departamento de Saúde Mental, transtornos mentais e comportamentais, 2000.

PEREIRA, Y. A. *Memórias de um suicida*. Rio de Janeiro: Federação Espirita Brasileira, 2012.

ROCHA, P. M.; XAVIER, C. *O livro reportagem e suas especificidades no campo jornalístico*. *Rumores*, Ponta Grossa, v. 7, n. 14, p. 138-157, jul/dez. 2013.

SILVA, M. M. *Suicídio – Trama da Comunicação*. 1992. 135 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.